



Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação.

Une langue c'est un point de vue sur le Monde dans lequel se dessinent aussi les limites de nos pensées et nos sentiments. De ma langue, c'est la mer que l'on voit. De ma langue, c'est sa rumeur que l'on entend, comme d'autres langues frémissent de la rumeur de la forêt ou recèlent le silence du désert. C'est pourquoi la voix de la mer a été celle de notre inquiétude.

Vergílio Ferreira 1916-1996

Escritor Almeida Faria à entrada do Instituto Camões, junto a um texto de Vergílio Ferreira, seu professor no liceu.

Foto: Lex Kleren

“A cultura continua a ser a mendiga de serviço”

O escritor Almeida Faria veio ao Grão-Ducado participar na Primavera Literária Brasileira e falou ao Contacto da sua relação com a literatura do Brasil, de Vergílio Ferreira, que foi seu professor no liceu, da forma como o setor da cultura é tratado em Portugal e de como o país estaria melhor “se as mordomias do Estado não saíssem tão caras ao país, se as necessárias reformas estruturais não fossem sucessivamente adiadas, se a sociedade civil se tornasse mais exigente e mais ativa”.

Como encarou a sua participação nesta iniciativa no Luxemburgo?

Com a minha habitual e talvez obsessiva curiosidade. Gosto de conhecer pessoas e visitar cidades onde nunca estive. Curiosidade acrescida por aqui encontrar escritores e professores brasileiros. Sinto grande afinidade com o Brasil, em cujas universidades estudantes e estudiosos há muito se dedicam aos meus livros. Também estou curioso em relação ao fenómeno de a comunidade portuguesa ser tão numerosa no Luxemburgo. Sempre me fascinou o modo como os portugueses se enraizaram e se enraizam, ou não, um pouco por todo o lado.

Influenciou a escrita de Raduan Nassar e a sua relação com o Brasil tem sido intensa: como analisa essa influência e que ligação alimenta com a Literatura e os escritores do Brasil?

Por um daqueles acasos em que a vida é fértil, um amigo de Raduan gostou do meu romance A Paixão e passou-lhe o livro. Anos mais tarde, num fim de semana, um casal desconhecido tocou à nossa porta, em Lisboa, e ainda hoje não sei como descobriram o nosso endereço, que

não constava na lista telefónica. Traziam do Brasil um livro para me entregar em mão, subiram, sentaram-se. O livro era a primeira edição de Lavoura Arcaica e o portador era Raduan. Explicou-nos que o seu romance tinha a ver com A Paixão.

A minha ligação à literatura brasileira é já de longa data, começou com a descoberta de Guimarães Rosa e continua no contacto que mantenho com escritores brasileiros.

Que recordação guarda de Vergílio Ferreira e da polémica em redor de Rumor Branco?

Vergílio Ferreira foi meu professor no liceu, um professor fora do comum porque aproveitava as aulas para falar também de assuntos variados, do existencialismo francês, de Picasso ou da pintura abstrata.

Da polémica guardo recordações boas e más. Boas porque, apesar da Censura Prévica, naquele tempo discutiam-se ideias estéticas e os jornais davam mais espaço à literatura. Agora, muitos prosadores andam preocupados com a promoção e as leis do mercado, a maioria dos mass media confunde literatura e best-sellers. As más recorda-

ções dessa época não têm a ver com a polémica, têm a ver com a Censura omnipresente, que nos obrigava a procurar dizer nas entrelinhas o que não podia ser dito claramente. Não participei nessa polémica porque entendo que o escritor não deve responder à crítica. Também O Conquistador foi e é um livro polémico. Dá-me gozo desafiar as convenções literárias e os mitos nacionais, e espero que o leitor ideal me siga nestes desafios contestatários.

Ter sido professor de Filosofia o que lhe trouxe?

A Filosofia dá-nos a ilusão de entender melhor o mundo. E seguir certos pensadores, desde a Antiguidade até aos dias de hoje, é fascinante. Outra coisa é tentar levar os estudantes a interessarem-se pelas questões essenciais. Tive meia dúzia de excelentes alunos, dúzias de alunos médios e, naturalmente, uns tantos maus. Mas ensinar tirou-me tempo para escrever, e suspeito que o pensamento abstrato me distraiu demais do pendor ficcional.

Que ideia tem dos escritores portugueses dos últimos 20 anos?

Leio mais poesia do que romance e Portugal continua a ter bons poetas, mas reservo o meu pouco tempo livre para ler e re-ler os mestres.

Sofre muito por ser um perfeccionista?

Não sofro nada, pelo contrário. Sei que nunca atingirei a perfeição e que a perfeição pode tornar-se muito chata. Mas sinto sempre a tentação de fazer melhor. Goethe passou sessenta anos a trabalhar no Fausto. E Beckett resumiu tudo na famosa frase: “tenta de novo, falha de novo, falha melhor”.

Consegue identificar um livro seu pelo qual tenha preferência? Porquê?

Os últimos, O Conquistador e O Murmúrio do Mundo. Porque espero ter falhado melhor.

Sendo escritor de prosa, mantém uma relação especial com a poesia: porquê?

Porque a poesia diz mais e melhor em menos palavras. No fundo, no fundo, bastaria ler Shakespeare.

Qual é o estatuto atual dos escritores em Portugal?

A cultura continua a ser a mendiga de serviço e os orçamentos para a cultura são os primeiros sacrificados.

Há muitos escritores injustiçados no país?

Se “injustiçados” significa “esquecidos”, escritores esquecidos e ignorados não faltam. A maior parte do espaço mediático está por conta do futebol, da política e da bisbilhotice.

Sente alguma desilusão com aquilo em que Portugal se tornou, mais de 40 anos depois do 25 de abril?

Portugal estaria melhor se as mordomias do Estado não saíssem tão caras ao país, se as necessárias reformas estruturais não fossem sucessivamente adiadas, se a sociedade civil se tornasse mais exigente e mais ativa.

Depois de O Murmúrio do Mundo, que planos tem para novos livros?

Planos e manuscritos inacabados enchem a minha cabeça e as minhas gavetas. Por agora quero acabar um romance que, para minha vergonha, a preguiça vai sucessivamente adiando.

Paulo Jorge Pereira